

A D E F E Z A

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRETOR E EDITOR **Antonio Ferreira Coelho**

Redacção e Administração — Rua Antero de Quental, N.º 18

ADMINISTRADOR **Joaquim Carreiro Dias**

Assinatura

Continente e ilhas adjacentes, semestre 175
ano 1850
Africa e Brazil 3500

Composto e impresso na Tip. «Ovarenses»
Garcia, N.º 132 — Ovar

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Rua Elias

Primaria publicada em
Portuguese, permanecendo
assimante tempo 25

Accção do governo

Andou acertadamente sua racão e de capacidade go-
vernativa. A política universal inclui-
u-se presentemente no
sentido das Direitas, pela
conveniencia que ha em for-

taecer os alicerces d'uma
sociedade profundamente a-
balada com a guerra. A ados-
mos, mórtemate naqueles que
mais directamente estiveram
comprometidos ou empanhados no grande con-
flicto europeu. Neste momento
bem critico que atravessa-
mos, em que uma politica
pendente e de reconstru-
ção se impõe, o sr. Dr. An-
tonio José d'Almeida praticou
um acto politico ma-
is fustamente habil, entregando
os negocios publicos à
administração séria e honra-
da d'uma pleia d'homens
a que chegamos por cul-
competentes e de afirmações
republicanas.

As esquerdas, com os seus
discursos inflamados e por-
vez quixotescos, com os
seus excessos, como o pro-
grama violento, e cheio de
afirmações misteriosas de ha-
muito vêm sendo olhadas
com desconfiança pelas clas-
ses produtoras, pelas cha-
madas forças vivas, que con-
stituem ainda hoje o mais
forte estio, o mais seguro
apoio da vida portuguesa. Os
seus propósitos de contri-
buirem patrioticamente pa-
ra o bem estar da nação
na ca encontraram eco nos
muitos veem sendo olhadas
apenas grupos radiores,
côes tendentes a um melior
que desde ha muito veem ge-
rindo pessimamente os ne-
gocios do Estado.

Na pasta da Agricultura
nossa altitude por parte dos
governos nasceu o mal es-
tado um homem d'inconscien-
tias classes proletarias,
flageladas despidamente
com a crescente carestia de
vida, sugeriu triste é diz-
lo — a intranqüilidade noas es-
piritos e a revolta nas cons-
ciencias. Dias negres d'incer-
teza se passaram, todos
antevendo uma derrocada
fatal e vergonhosa que nos
arrastaria irrevogavelmente
para uma morte ingloria ou
para um futuro de grisalha.

As conveniencias e oportu-
nidades partidárias triun-
faram e tiraram do paiz em
quanto quizeram.

Ninguém, absolutamente
ninguém se preocupava em
ver o princípio que se abriu
a nossos pés. A paixão domi-
nava tudo e todos, a ambição
do mundo subvertia, corrompia,
estiolava todas as
energias e bens intelectuais.
O paiz que estava farto, furti-
ssimo até de manigâncias
e habilidades políticas, não
podia de forma alguma, re-
surgir, levantar-se do estado
calótico em que jazia em
quanto não estivessem a
frente dos seus desígnios, no
menor de quanto, da grande

desconfiança que se abriu
à sombra de hipoteticos efeitos revolu-
cionarios, afaste se tanto quanto
possa, dos parasitas que
pululam como cogumelos pe-
los arredos e enxamiam os
ministerios com pedidos insolentes, — e assim remedia-
rá todas as dificuldades que
porventura venham a opor-
se à realização da sua tare-
fa ardua e difícil.

Se assim fizer, o paiz só
lhe renderá homenagens.

Nomeação

Foi nomeado aliançense
interino da secretaria da
câmara municipal o sr. Anto-
nio André Gomes d'Oliveira.
É um rapaz simpatico e
bem educado. Foi nomeado
na falta do ex-regedor, es-
cívico e neo-democrático sr.
Abel Guedes de Pinho que
em Aveiro está detido pelo
motivo que... já se sabe.

Licrou o município com
a nomeação do sr. Oliveira
porque ha-de ser um empre-
gado honesto, sério e corre-
to no exercício das suas
funções. O seu passado e o
nome da sua família dão so-
bujas garantias para o fu-
turo.

Parabens.

COISAS

Quando do julgamento
d'umas transgressões dos ta-
bacos foi requisitado, para
depôr, da prisão militar de A-
veiro o ex-regedor sr. Abel
Guedes de Pinho. Finda a
audiencia, que foi num sa-
bado de tarde, devia logo
passar-se-lhe guia para recor-
her no quartel, porque ha-
via muito tempo-oit man-
dar se recolher à cadeia, visto
que está recluso.

Isto não se fez — nem no
sábado, nem no domingo e
só na segunda-feira se lhe
passou guia.

Entretanto aquele preso
militar por ali andou a pas-
sar, como se sobre ele não
impedesse uma grave acu-
sação.

Esperamos que este facto
não repita, porque Abel
Guedes de Pinho ha-de ter
para ele o procedimento que
empregou para aqueles que
foram por ele perseguidos in-
cansavelmente mesmo quando
ele ha-de forçosamente ca-
ptar a simpatia da opinião
pública, provocando uma
baixa sensível nos generos
de primeira necessidade sem
embargo d'outras medidas
concernentes a afastar para
longe o espectro sinistro e
apavorante da fame.

Acabe S. Ex.º quanto an-
tes, com as peças burocráti-
cas que protelam todas as
iniciativas, punha cobro de-
assombradamente aos abu-
sos inqualificáveis que se
praticam à sombra de hi-
poteticos efeitos revolu-
cionarios, afaste se tanto quanto
possa, dos parasitas que
pululam como cogumelos pe-
los arredos e enxamiam os
ministerios com pedidos insolentes, — e assim remedia-
rá todas as dificuldades que
porventura venham a opor-
se à realização da sua tare-
fa ardua e difícil.

E assim tem confessado que
si completamente se abandonasse
uma das questões vitais da nossa
terra. Nos últimos anos tem os
governos procurado atenuar a
luta renderá homenagens.

Se assim fizer, o paiz só
lhe renderá homenagens.

AS SUPERIORES INFERIORES

A violata, em resposta a una
transcrição que fizemos, a res-
peito das escolas superiores inferio-
res, transcreve do «Séculos» para
que é, se não a sciecia dos pro-
fessores, o metodo d'ensino.

Preciso primeiramente afir-
mar aos seus leitores, com a au-
toridade que me dão vinte anos
de trabalho no magistério que
as S. P. Superiores (as taes) repre-
sentarão, inegavelmente, qua-
ndo colocadas em condições
de satisfazerem a sua mis-
são, uma das melhores obras re-
constitutivas iniciadas pela Repu-
blica.

A parte ei exagero, estamos
d'acordo, ainda que à «Patria»
pareça o contrario.

Tudo quanto sirva para ensi-
nar uma coisa util é sempre um
melhoramento, constato que es-
teja colocado em condições
de satisfazer a sua missão.

Sugoshâmos que em vez de
se crear em Ovar uma escola su-
perior inferior, se creava uma es-
cola de aliaires ou de sapateiros.
Qualquer dessas escolas era
inequivocavelmente um benefi-
cio para o concelho — muito maior
sem dúvida do que essa escola
que para ahí está.

Sugoshâmos ainda que se ter-
se establecidos grandes univer-
sidades para os mestres da tabanca
e que se despachavam para
ensinar a cortar os bates, a coser
as gaspas, ou a talhar as qui-
nenas o sr. dr. Filipe, o sr. ad-
ministrador do concelho, e que
quer outros professores que ab-
stão na escola, — porque estes
cabaleiros não sabiam talhar
butes, nem fazer calças, não es-
tava a escola colocada em con-
dições de satisfazer a sua
missão. Evidentemente que, em
vez de anicharam, tenso apenas
em mira e ordenado e noca a
nobre e altissima missão que o
Estado lhes impunha; os pri-
meiros inimigos são aqueles que mesmo
depois de colhidos, em vez de
estudar para ao meno-
res perdoarem a audacia da sua incom-
petencia, fazem d'acílo teta pa-
ra ostentas e maior rendimento
possível.

E tanta isto e veria lá que
bom é aí que é dignamente
repudiase o bilhete d'essa lota-
ção, que havia sido sorteado com
premio dos melhores. Já vê a
Patria que nem todos são para
tudo, nem tudo é para todos.

Deixe estar secegados os pro-
fessores dos colegios e os nos li-
ceus, que para cuisa alguma se
impostam com a situação transi-
tória dos interinos professores
das escolas superiores inferiores.

portação do trigo e consequen-
temente dispendendo avultadas
quantias.

Ora esta medida, que momen-
taneamente parecia resolver o as-
unto, servia apenas para prote-
lar o aparecimento de um perigo
que a imprensa e a incúria gover-
namental não teve sabido evi-
tar.

Eva já estafado a história de
que a importação que fechou
o porto abusou em outubro.
Ora como tudo neste mu-
ndo tem um termo, assim o
governo procurado atenuar a
luta renderá homenagens.

E no futuro?

No ano passado perdeu o Es-
tado com a importação do trigo
uns 50 milhões de escudos; este
ano o prejuizo parece ser muito
superior. E, avaliando em 40 mi-
lhões de escudos a perda em ca-

da ano de guerra, temos nos 6 anos um dispêndio aproximado apenas de 260 milhões de escudos (260:000 contos) com a importação daquele cereal!

Agora, porém, uma outra dificuldade surge: o retraimento dos países exportadores de trigo que nos não podem fornecer a quantidade indispensável!

Quando a sorte é... manivesca...

E assim estamos nós sem dinheiro e seu pão!

E foi preciso que chegássemos a este estado, para que então se acordasse do letargo em que temos vivido, e, em face do perigo amarrassemos as mãos na cabeça como o macaco a nos pôssemos a gritar de todos os lados: «É preciso intensificar a cultura cerealífera! O governo que forneça adubos químicos!... Nós podemos produzir trigo suficiente para o consumo!»

Mas... como mais vale tarde que nunca, oxalá ao menos dessa vez se compreenda enfim que querendo nós não precisamos para nos alimentarmos de dependermos do estrangeiro.

A recente reunião de Vila Franca de Xira é um sinal de animador já.

Auxilié o governo a lavora, procure tirar-se da terra tudo o que ela nos pode dar, chame-se à vida esta nacionalidade, por meio da educação para o trabalho e para o regresso à terra, e a assustadora corrente emigratoria diminuirá, abaterá a febre do urbanismo, e a própria ordem pública, cujas alterações são em grande parte consequência da crise alimentícia, entrará enfim em via de restabelecimento.

Do contrário continuaremos a ser o povo mais pobre e desorganizado da Europa, como disse o Dr. Carneiro de Moura, «um povo sem agricultura, nem comércio, nem indústria, nem educação, nem organização de trabalho. O único povo europeu cujo movimento mercantil é inferior ao movimento orçamental do Estado.»

7-8-9-0.

Alonso Abragão.

Carta

Ainda sobre o assunto das escolas superiores, recebemos do sr. Padre Rogério G. de Brito a seguinte carta:

Sr. Redactor

Peco o favor de inserir no seu conceituado jornal o seguinte:

«A Patria» desta vila veio no seu n.º de quinta-feira dizer aos seus leitores que, quando se atribue má vontade contra as Escolas primárias superiores aos professores dos liceus, se acrescentasse «e aos diretores e professores de colégios particulares, a informação seria completa»; e logo abaixo junta: «E os peiores inimigos são, ainda os professores de colégios particulares que não conseguiram sério das E. P. Superiores. Esses é que são...»

Parece-me que a gazeta democrática se quer nisto referir a mim e a mais alguém desta casa. O facto que, quando se tratou da nomeação do professorado para a Escola P. S. de Ovar, eu falei a alguém para lembrar o meu nome. Nada valeu infelizmente, porque eu bem sei o trabalho que um logarzinho ali vendeu e quanto rende; mas garantir que nunca mais me interessou a vida da Escola nem para a amar nem para a odiar e perseguir. Nesta casa ninguém também moveu a menor perseguição nem campanha contra o referido instituto. Nem valia a pena. Se a Escola, pois, está a esperar que a ataquemos de qualquer forma para cair, entao bem

segura terá ela a sua existencia... Agradecendo a fineza que lhe peço

Sou de v.

Padre Rogério Garcia de Brito.

Colegio Ovarense, Ovar, 20 de Agosto de 1920.

MAIS UM...

Cabe agora a vez ao sr. dr. Joaquim d'Oliveira, republicano dos antigos tempos de propaganda e que sempre tinha militado no partido democrático.

Na carta em que ele se desliga dos silvistas, leem-se as seguintes palavras, que são bem significativas:

«É com profundíssima tristeza que venho assistindo à formidável luta de ambicções que de algum tempo a esta parte se tem desencadeado no Parlamento do meu paiz...»

«Nestas condições, e porque em meu entender ao grupo parlamentar democristiano, que é a élite do Partido Republicano Português, cabem as maiores responsabilidades nos factos políticos ocorridos nas últimas sessões, que reputo de extrema gravidade, tomei a resolução de abandonar o partido...»

O desavaro silvista, elevando a ultima potência a desmoralização democrática, não podia deixar de produzir esta continua desagregação política, que é o ultimo sintoma da morte do grupelho de maior corrupção que a República tem sustentado.

O silvismo entendeu que havia de governar e governar-se adoptando o princípio de Rodrigues da Fonseca Magalhães—que era melhor comprar os deputados depois de feitos, como as casas. E desde então não houve subsídios que se não desssem, pretendes que se não deferissem. Os deputados foram festeis em pedidos sempre satisfeitos: os despachos fizeram-se às duzias, com lei e sem lei. Haja vista o que se passou em Ovar.

E o parlamento ofereceu esse aspecto triste, que enoja os velhos republicanos, os homens de caráter rijo como o deputado sr. dr. Joaquim d'Oliveira.

Por isso de toda a parte se pede a dissolução desse parlamento que se não impõe ao paiz por coisa alguma; que apenas está servindo para tablado de ambicções pessoais—simples jogo de camarilhas. E dissolvido o parlamento, dissolvido está o silvismo que é a vergonha da República.

O chefe do silvismo deu ao seu grupo unicamente aquilo que podia dar—a desmoralização, o pagamento das adesões à sua pessoa com o que era do Estado, com o que era de todos. No silvismo não ha programa, não ha princípios—ha promessas de empregos, facilidades em subsídios pagos com o que é de nós todos.

Felizmente para a nação, esse grupo durou pouco; e o sr. António Maria da Silva, como chefe político, vai passar à história. O seu nome será lembrado todas as vezes que se pense no aproveitamento das «aguas de Rodam». Ele nunca perdoou aos seus correligionários de então, que lhe frustaram aquele famoso negócio.

O sr. dr. Pedro Chaves na «Patria»

Quando dei por terminadas as minhas apreciações sobre a ilegalidade da postura municipal que impõe a licença, não supus que novas arguições voltassem e, afirmações novas se fizessem.

E porque se escreveram precisamente de fazer umas retificações,

Eu afirmei que o digno juiz da comarca era delicado e atencioso para com todas as pessoas que ao seu tribunal vão procurar justiça.

O sr. dr. Chaves, para contrariar, diz que no processo de polícia correccional de Amadeu Soares Pereira quando do julgamento o juiz

«repreendeu—quasi insultou—a esposa do réo, que, sobreter qualquer interferência no processo, não estava presente e... era uma senhora!»

O sr. dr. Chaves que não freqüenta o tribunal, cura por informações, que, sendo quasi sempre tendenciosas, o colocam no erro.

Amadeu Pereira era acusado de ter ofendido voluntariamente uma creança. No julgamento, defendeu-se alegando, entre outras coisas, que

«praticou o facto em desfronta de sua esposa ofendida e enxovalhada por aquele com palavras indecorosas, impróprias do sexo e idade...»

Foi o réu quem chamou àquele processo sua esposa, dizendo que praticou o crime em sua defesa ou defesa. Por isso o juiz, na sua advertência verbal, explicou a sentença, linha fatalmente de apreciar o procedimento da esposa do réo, para concluir pela condenação ou absolvição. O cod. penal no n.º 1 do art. 46 diz que é condicão essencial para justificar o facto que a agressão ilegal em execução ou iminente não tenha sido motivada por provocação. O juiz apreciou por isso, como não podia deixar de o fazer, os factos anteriores à agressão do réo, praticadas pela esposa: não admitiu como derterminante a alegação da defesa porque o ato anterior da esposa de Amadeu Pereira tinha sido repreensível, em vez de legítimo.

O juiz então não repreendeu: apreciou o procedimento d'ela, porque a apreciação desse procedimento tinha sido chamada ao processo por seu marido.

Repreendeu—quasi insultou—o sr. dr. Chaves, curando por informações. Se melhor boa lê bouvesse em quem lhe transmisso a notícia, veria que nem houve repreensão nem insulto, mas apenas a crítica severa e moderada d'um procedimento repreensível tal qual se produziu no tribunal.

Nem então, nem antes nem depois faltou ao digno juiz desta comarca a qualidade que é necessária a um juiz—a delicadeza.

E quanto às duas cartas abertas dirigidas ao ilustre magistrado, nem vale a pena falarmos d'elas. Os nomes que as assinaram não podem pesar nas apreciações do sr. dr. Chaves nem nas minhas. E ficam estas palavras aqui para não termos de alargar considerações que chamariam a intenção aos nossos escritos quem... de direito não deve aqui entrar em discussão.

Felizmente para a nação, esse grupo durou pouco; e o sr. António Maria da Silva, como chefe político, vai passar à história. O seu nome será lembrado todas as vezes que se pense no aproveitamento das «aguas de Rodam». Ele nunca perdoou aos seus correligionários de então, que lhe frustaram aquele famoso negócio.

A comarca d'agora, não foi tão longe na sua postura—condeu-a com multa a falta de licen-

ças mas não se arrogou o direito de fazer a intimação para fechar a porta.

Se se quer encontrar a razão histórica da nova postura na antiga, vé-se bem que tanto uma como a outra contrariam a liberdade de indústria e comércio, fazendo as de perder de licença camarária e por isso uma e outra são contrárias à lei.

E porque tanto uma como a outra são ilegais e abusivas, caem ao olvido, e ficam nulas.

Ninguém se lembra de que os negociantes do nosso concelho fossem requerer à câmara licença para abrir os seus estabelecimentos; e certamente ninguém se lembraria mais de requerer à câmara licença para o mesmo fim, apesar da nova postura.

Se o sr. dr. Pedro Chaves apela para a tradição de 59 anos, apela para uma tradição que apenas se leva no papel mas que de facto nunca o povo aceitou, nem a câmara fez cumprir. Essa tradição não existe.

Uma lei condenada pelo tempo, tornada inexecutável por que contrariava o sentir do povo, nunca se devia restituir, e, restaurada, era impossível o seu cumprimento, como de facto é.

E tanto assim que se paga o imposto porque uma lei nova o veio impor—mas ninguém requer licença à Câmara para exercer a sua indústria; nem já agora a câmara impõe essa obrigação.

Dr. Egas Moniz

Regressou há pouco de Karlsbad, onde fôr em busca de alívio à sua doença, este nosso distinto amigo e eminente correligionário.

S. Ex.º após uma longa demora na Capital, veio já para sua casa em Aveiro, acompanhado de Sua Ex.º Família, fazer a sua costumeira época de repouso.

Daqui enviamos os nossos amistosos cumprimentos pelos óptimos resultados obtidos a bem da sua saúde, não esquecendo simultaneamente o envio de uma expressiva felicitação pelo brilhantismo das suas «Cartas de Viagem» insertas no nosso colega «O Concelho de Estarreja».

Agora, agora, é o que se vê.

Ninguém é capaz de desvendar o segredo dos milhares de escudos que marcharam para a engulideira da tal escola; ninguém sabe o que se delibera; ninguém sabe quem paga o imposto de porta aberta, porque aquilo paga-se aos esguichos, sem matriz, sem reclamação.

E melhor assim. A medida enche; ha-de transbordar breve.

PUBLICAÇÃO DAS SESSÕES

São d'uma tal originalidade os da Câmara e os da gazeta, que provocam a galharda. E querem que os tomemos a serio.

Aquela nota oficiosa da Câmara sobre a publicação das sessões, que se suspenhem, quando a Câmara deu o dinheiro para a Escola Supero para mobiliário e para o resto, quando a «Patria» tinha afirmado que essa escola nada custaria ao município; e que se suspenhem ainda para que o município não soubesse que a

vo o imposto da porta aberta, assim de que ninguém poderia recorrer de tão esdrúxula deliberação—é ridícula.

O informador camarário supõe que o povo pode ser iludido ou mistificado. Esteja certo de que a ninguém ilude, e se procurou apenas dar-nos uma resposta, para não deixar passar por alto a nossa afirmação, arrependendo-se-ha.

Nós e toda a gente sabe que a única publicidade exigida pela lei quanto a posturas é depois de sancionadas as editais e anúncios.

Quando foram publicadas as posturas que lançaram o imposto?

Depois de ter passado o tempo permitido pela lei para se interpor o recurso.

Eis porque se deixou de publicar os resultados das deliberações das sessões na semana imediata à sua aprovação, para que os interessados não podessem ter conhecimento d'essas deliberações e não podessem recorrer.

Isto é claro e inofensivo.

Foi uma esperteza.

Essas espertezas nunca se fizeram antes de os democraticos se apoderarem exclusivamente da câmara, fazendo administração e política à sua maneira.

Antes, antes da vinda de Aveiro, não havia habilidades na câmara, como não havia antes habilidades na administração municipal republicana. As notas das atas das sessões foram sempre publicadas, com a maior regularidade. Na câmara nada havia a ocultar dos municipais fossem eles republicanos ou independentes, fossem amigos ou inimigos dos vereadores que lá se encontravam.

A administração municipal sem o espírito de odio e vingança que agora lá impera, estava, antes da jornada d'Aveiro, irmanada com o povo. Podia-se divergir do modo de ver da vereação, o que ninguém podia duvidar era da sua bondade e isenção pessoal. Administrava-se com nobreza e dignidade.

Agora, agora, é o que se vê.

Ninguém é capaz de desvendar o segredo dos milhares de escudos que marcharam para a engulideira da tal escola; ninguém sabe o que se delibera; ninguém sabe quem paga o imposto de porta aberta, porque aquilo paga-se aos esguichos, sem matriz, sem reclamação.

E melhor assim. A medida enche; ha-de transbordar breve.

Por seu lado acede a «Patria» dizendo que é o único juiz das suas publicações.

Quando nós escrevemos esta frase, dava-se um caso diferente. O cavalheiro que se nos dirigia nem fazia parte da nossa redação, nem do nosso partido e impunha-nos uma declaração.

Mas a «Patria» é a irmã das camaras—uma é o espírito da outra. Como é que a câmara havia de exigir à «Patria» a publicação das suas sessões contra a sua vontade, se a câmara é tu cá, tu lá com a «Patria»—se a «Patria» vive dos anúncios da câmara fartamente prodigalizados?

Quantas vezes a câmara não quer ir para um certo cantinho e a «Patria» com

A DEFEZA

duas pennadas a... conveniente.

Ora vamos, a camara, perfeitamente irmanada com a «Patria», vota sempre o que a «Patria» pensa e a «Patria» publica o que a camara quer. Uma para a outra são—boca que pedes, coracao que desejas.

Deixem-se de historias, as atas não foram publicadas, logo que foi necessário ocultar: 1.º quanto a camara tem gasto com a tal escola; 2.º quando foram votadas de novo as posturas da porta aberta.

Isto nunca se fez durante o tempo da Republica mas... faz-se agora.

Insolencias

Como de costume lá vieram há dias a público na pindérica folha *silvista d'Ovar*, a propósito do regresso do sr. Dr. Egas Moniz. Dizem-nos que muita gente leira o que a referida folha inseriu; mas igualmente nós informam que todos exclamavam apoi a sua leitura: O Palma Cavallao que escreveu isto exibe de mais a sua credincice?

Apres.

Não ha o direito de se ser tão cretino!!

E, segundo o que corre, tudo quanto temos a informar os nossos leitores, pelo que respeita aquelas insolencias que a pindérica folha *silvista* da nossa terra publicou.

A escola inferior

Para sermos agradaveis ao professor desta escola, entramos no capitulo das transcrições, de que tanto gosta.

Esta é d'um professor da sobredita escola que no «Século» de 27 d'agosto escreveu:

«As escolas P. Superiores são uteis, e largos serviços ha a esperar d'elas. Crem-se n'elas as secções tecnicas, que são a razão da sua existencia e veremos então os resultados d'essas escolas. Mas não devemos ficar por aqui. Atualmente as E. P. Superiores tem 12 professores. São demais. Reduz-se o numero a 8, quando muito, escollendo os mais competentes. Põnham-se no olho da rua os advogados sem causas e os medicos sem clientes que n'elas enxameiam, logo que se prove que uns e outros abandonam as aulas para tratarem do seu serviço particular. Ordene-se igual caminho a uma seita, a daninha praga de revolucionarios civis que se anicharam n'estas escolas sem competencia alguma para o ensino.»

Parece mesmo o S. João da Boca d'ouro a falar, este professor das celeberrimas escolas. Não é uma critica, é uma fotografia.

Só uma coisa o fotógrafo erra, é quando diz que as escolas inferiores tem a sua razão de existencia nas suas secções tecnicas que estão por crear.

Essas escolas tiveram a razão da sua existencia unicamente eu dar de comer aos amigos, colocar os afilhados sem olhar a competencias nem ás terríveis consequencias que d'ahi resulta-

riam. Fruto podre d'un faccioso reles e d'un compadrio criminoso, elas estão ahi a mostrar o seu fim e a razão da sua não existencia.

Foram apontadas *urbi et orbi* pelos politicos certanejos como grandes melhoramentos da sua lava, trasdos ás terras sequiosas de progredir. Pois bem: esse falado melhoramento não é senão um desperdicio de dinheiro e tempo e um veneno para a mocidade, porque se lhe não ensina o que é preciso, porque ninguém dá aquilo que não tem *nemo dat quod non habet*.

A primeira coisa que um ministro de instrução precisa de exigir da escola d'Ovar é—não mandar fazer exame aos alunos—mas chamar a exame os professores. Que os competentes, se os ha, não séjam alojados pela incompetencia do maior numero. Se ha professores, que sabem, continuem;—mas se não sabem que vão para o meio da rua: como exige e muito bem o professor que no «Século» escreveu com bastante criterio e conhecimento de causa.

Esbôcos

Botão de rosa que desabrocha no calde da vida.

Coração juvenil que o sol do amor se prepara para aquecer.

Essencia de graca, a mais ana, a mais... celeste, em frasco pequenino.

Sorriso igual para todos e que a todos encanta.

Na praia, quasi sempre descalça, será para não magoar a areia?

Será para, estendido a seus pés o mar mais facilmente lhos poder beijar, qual vassalo fiel e humilde pagando em caricias o tributo à Beleza?

De manhã, à hora do banho, quando o seu corpo perquinho emerge de sob o manto de renda em que momentaneamente as vagas o envolveram, faz-nos lembrar no ritmo flexuoso, na ondulação dos contornos, Atrodite irrompendo da espuma do mar.

Na vila, raro aparece pela janela, mas quando aparece, a estreita rua enche-se de lus; é a lus que vem do seu olhar, daquelle olhar que, como o sorriso, é igual para todos e a todos encanta.

O seu coraçãozinho terá sido alvejado já por alguma seta de Cupido?

Talvez que, à semelhança daquela morena filha do João da Esquina das Pupilas do Sr. Reitor, Ela esteja à espera de que pela loja apereça um novo Daniel.

No entretanto o seu sorriso, como o seu olhar que a todos encanta, vai sendo igual para todos.

Mirones.



Mundana

Fizeram anos;

Ontem, 4, o nosso amigo e digno escrivão de direito nesta comarca, sr. Frederico Abragão.

E fazem-nos:

Depois de amanhã, 7, o sr. Francisco de Matos, e No dia 9, a menina Maria

do Ceu Pinto Cascaes, filha do sr. Manoel de Oliveira Cascaes.

As nossas felicitações.

Noticiario

Termas

Encontra-se já entre nós, vindos das termas de S. Pedro do Sul, onde esteve em tratamento, o nosso ilustre amigo e distinto Advogado Dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, a quem apresentamos com as boas-vindas a expressão sincera do nosso vivo desejo de que tenha colhido os melhores resultados.

Vindo das mesmas termas também se encontra há dias entre nós o nosso bom amigo Manoel Matos a quem igualmente cumprimentamos.

A fazer uso das aguas das vizinhas Caldas de S. Jorge, partiu há dias para ali acompanhado de sua Ex.ª Família o sr. Lino Brandão, digno sócio-gerente das importantes fábricas de conserva de «A Varinas», a quem estimamos uma excelente cura.

Abriu na quinta-feira a Assembleia do Furadouro; pintada e arranjada, já pelo menos não oferece aquèle aspecto de ruina e desaçado dos últimos anos.

Fomos até lá na noite da abertura; na sala de jogos à volta da tradicional mesa de bridge os tradicionais parceiros, e em circulo, como que a isolarem aquèle canto do resto da sala, meia duzia de mirones, expressão indefinida no olhar, como quem nada percebe daquilo, mas à falta de outra distração, cumpre resignadamente com uma obrigação que o espírito lhes impõe—a obrigação de aborrecer a quem joga.

A outro canto, braço pousado nas costas de uma cadeira e cabeça indolentemente reclinada sobre o braço, dois doutores conversam... naturalmente sobre a crise das subsistências.

No corredor, às portas do salão de dança, uma multidão de mancebos aglomerá-se, comprime-se na aancia de ver... quatro pares que rodopiam.

Meia duzia de senhoras, isoladas as famílias, como quem ainda se não conhece bem, olham distraidamente os pares que vão deslizando. E à lus

mortaça dos gazómetros (iluminação provisória), ao som debil do piano, sob o olhar distraido das senhoras e a critica quasi sempre alvar dos mirones... lá vão os 4 pares rodopiando.

Cala-se o piano, termina o rodopio, os cavalheiros levam aos seus logares as damas e... retiram na melhor ordem.

Fazemos votos porque rapazes e meninas por lá se divirtam muito e tornem as noites mais animadas do que a primiera; e, já agora, oxalá acabe de uma vez para sempre o tradicional mexericão que costuma a dividir a assistencia feminina com grave prejuizo não só da realização de qualquer divertimento, como do próprio homem nome da praia.

Partiram para a praia do Furadouro com suas Familias, os srs. Dr. José Maria de Sousa Azevedo, Dr. António dos Santos Sobreira, Dr. João Maria Lopes, António Galo, Augusto Abragão, Augusto Fidalgo, capitão Rodrigues Leite, David Martins, segundo sargento António Marques, António Augusto Freire de Líz e Frederico Abragão.

Também lá se encontram já há dias o Internato Particular da Olaria, desta vila, o Colégio Universal, da cidade do Porto, e os srs. Dr. Joaquim d'Oliveira Cunha, Abade da Sé do Porto, Francisco Marques, escrivão de direito e notário na cidade de Aveiro e Família, as ar.ºs D. Maria e Emilia Frigateiro e sua gentil sobrinha Celeste, o administrador do nosso jornal sr. Joaquim Correia Dias e Família e o sr. Visconde de Fijo e Família.

Chegadas
Chegou há dias deiquitos com sua Ex.ª Esposa e filhos o sr. Oscar Ramos, a quem encorajamos os nossos cumprimentos.

Falecimento
Na sua Elias Gareia e casa do sr. José Plácido de Oliveira Ramos, faleceu um tio d'este senhor, pelo que lhe apresentamos os nossos pesames.

Festa do mar
Na vizinha praia do Furadouro deve ter lugar nos próximos dias 18, 19 e 20 a tradicional festa do mar ao Senhor da Piedade. Como o programa ainda se não acha elaborado, nada mais podemos acrescentar.

Desafio de foot-ball

Realizou-se de facto, como aqui anunciamos, no último domingo o encontro entre o team mixto do «Bôa Vista Foot-Ball Club» do Porto, e o grupo organizado pelos rapazes da nossa terra, e do qual saiu vencedor contra toda a expectativa, o grupo vareiro.

Sei nos querermos armar em critico desportivo, devemos no entanto dizer que no geral não nos agradou o jogo de parte a parte. Falta de treino de uns? Desconhecimento e estranheza do campo por parte dos outros?

O que é certo é que nada vimos de verdadeira *association* e apenas nos podermos limitar a apreciar o esforço isolado de algumas dos nossos jogadores como Eduardo Sousa, J. Araujo, António Araújo e João Bonifácio.

Aquèle foi o *back* seguro e oportuno de sempre; é inquestionavelmente hoje o nosso melhor jogador de foot-ball. O pontapé fortissimo, a sua sempre bôa colocação e a rapidela na carreira, a que poderemos acrescentar um belo jogo de cabeça, fazem de Eduardo Sousa uma barreira difícil de transpor.

J. Araujo é um jogador incansável, e o mais cheio de energia que possuímos. O seu lugar é bem o de *half-back centro*—o eixo de todo o grupo.

António Araújo e João Bonifácio a *forwards*, meias pontas, desempenharam bem o seu papel. Aquèle, a quem coube a hora de ensiar nas balas a primeira bola da tarde, não desmereceu do conceito em que é tido; o segundo, que pela segunda vez jogou com o grupo de Ovar, revelou-se um *forward* de optimas qualidades; por ele foi marcada a bola que deu a vitória aos nossos rapazes.

Dos demás, todos fizem... o que puderam, ou o que lhes permitiu a falta de treinos durante um ano.

O encontro terminou como dissemos pela vitória dos nossos por 2 bolas a uma.

Assistencia regular.

S. Paio

No vasto areal da Torreira realiza-se na proxima terça e quarta-feira a grande romaria do São Paio.

Também, nos mesmos dias, se realiza, no vizinho lugar de Tarei, a romaria do Senhor da Guia.

AVIZ**Companhia Resseguradora Portugueza****SOCIEDADE ANÔNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA****CAPITAL -- 1.000.000'00 ESCUDOS****Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e à exploração de seguros diretos
por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919****Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º LISBOA****Endereço telegráfico VIZA-LISBOA
Telefones: Expediente 3919—Administração 5001****Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129****PORTE****Telefone—776****DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGA-****ÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50****SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automóveis, gado, etc., etc.****Agências no País e Ilhas****O Conselho de Administração****Alberto Correia, António Barbosa, António Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva****QUIOSQUE TABACARIA****Praça da República****— OVAR —***** ANGELO GONZALEZ *****BANCO NACIONAL ULTRAMARINO****OVAR****Depositos à ordem, com o juro de 2 1/2 %
e 3 1/2 %.****Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %,
4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis me-
ses e ao ano.****Saque sobre todas as localidades, aos
melhores preços.****Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.****Emprestimos caucionados, cambios, cou-
pons e papéis de crédito.****Mindelo****COMPANHIA DE SEGUROS****Sociedade anônima responsabi-
lidade Limitada****Capital Esc. 600.000\$00****Efetua seguros contra incêndios, mariti-
mos, terrestres, de vida****roubo, cáravas, acidentes de tra-
balho, etc., etc.****SEDE EM LISBOA—Rua Nova do Al-
mada, 60.****DELEGAÇÃO NO PORTO—Rua Sá da
Bandeira, 222 • 1.º****AGENTE EM OVAR:****Manoel d'Oliveira Paulino****RUA DR. JOSÉ FALCÃO, 22 a 26****Atlântica****Companhia de Seguros****SOCIEDADE ANÔNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA****Capital social (Escudos) 500.000\$00****Capital realizado (Escudos) 150.000\$000****Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00****Sede: Lamas, 92—PORTO****Receipta de 1914 (Esc.)... 36.988\$03,5****Sinistros pagos em 1914— 22.601\$41****» de 1915 " 71.197\$29,5****» em 1915— 25.903\$15****» de 1916 " 537.897\$94,3****» em 1916— 153.470\$90****» de 1917 " 3.139\$404\$23****» em 1917— 1.427\$035\$74****Afira os que se tem pago até esta data****Agências em França, Inglaterra, Noruega, Suécia, Dinamarca, Espanha e Egito.****Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos.****Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.****Conselho de Administração:****Manoel Joaquim de Oliveira****Dr. José Maria Soares Vieira****Silvino Pinheiro de Magalhães****Dr. Leopoldo Correia Mourão | Directores****José de Sousa | delegados****Agentes em todas as terras do país****Comissários de avarias em
todos os portos do mundo**